



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

AMANDA HELENA BANDEIRA DO NASCIMENTO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA: UMA
LEITURA DOS CONTOS “O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”,
DE MIA COUTO**

GUARABIRA - PB
2016

AMANDA HELENA BANDEIRA DO NASCIMENTO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA: UMA
LEITURA DOS CONTOS “O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”,
DE MIA COUTO**

Artigo apresentado em cumprimento
aos requisitos necessários para obtenção do grau de
Licenciada em Letras, à Universidade
Estadual da Paraíba – Campus III, sob orientação da Prof^aMa.
Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

GUARABIRA - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244r Nascimento, Amanda Helena Bandeira do

A representação da mulher moçambicana: [manuscrito] : uma leitura dos contos "O cesto" e "A saia almarrotada", de Mia Couto / Amanda Helena Bandeira Do Nascimento. - 2016.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Clara Mayara de Almeida Vasconcelos,
Departamento de Letras".

1.Mia Couto. 2.Feminismo. 3.Representação Feminina. I.
Título.

21. ed. CDD 401.41

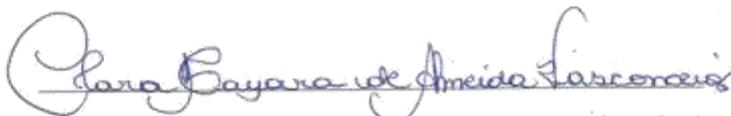
Amanda Helena Bandeira do Nascimento

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA: UMA LEITURA DOS CONTOS
“O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”, DE MIA COUTO

Artigo apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus
III, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Letras.

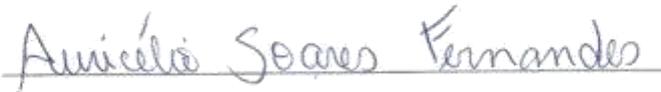
Aprovada em: 20/10/2016.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA
2016

À minha mãe, Heloísa Helena Bandeira dos Santos, que redobrou esforços e afetos na minha trajetória escolar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma conquista na minha vida acadêmica.

Aos meus colegas da turma 2010.1 (noite) do Curso de Licenciatura em Letras, pela amizade e companheirismo.

Às minhas queridas Havaniele Bandeira do Nascimento, Helisânia Bandeira Santos e Maria da Penha Bandeira dos Santos que foram as grandes incentivadoras por esta realização.

A Emanuel Avelino de Souza, que me deu forças e estímulo para esta efetuação.

À minha orientadora, Prof^aMa.Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, que com toda paciência e sabedoria me proporcionou conhecimento para a realização desse artigo.

E a todos os funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar.

Audre Lorde

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 MIA COUTO: IDENTIDADE E SINGULARIDADE.....	10
3 PERFIL DA OBRA: O FIO DAS MISSANGAS	11
4 A MULHER NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA	12
5 REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA	13
6 ESTUDOS MOVIMENTOS FEMINISTAS	15
7 A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NA ÁFRICA	17
8 ANÁLISE DOS CONTOS – “O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”.....	19
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERENCIAS	25

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA: UMA LEITURA DOS CONTOS “O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”, DE MIA COUTO

Amanda Helena Bandeira do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo objetiva fazer um breve estudo da representação da mulher na literatura nos contos “O Cesto” e “A Saia Almarrotada” do autor moçambicano Mia Couto, da obra *O Fio das Missangas* (2009). Destinada a averiguar a situação de inferioridade das personagens mulheres encontradas nas narrativas, perante aos homens, diante da sociedade patriarcal e conservadora em que vivemos. Como também relacionar o movimento feminino no exposto trabalho. A partir das referências de Beauvoir (1967), Kergoat (2009), Couto (2009) e Adiche (2012), foi observado às vozes dessas mulheres por meio de narrativas escritas pelo sexo masculino onde as mesmas buscam a libertação socioeconômica. Este trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa de revisão bibliográfica e documental para que possamos alcançar os objetivos aqui propostos por meio das considerações dos autores que compõem o referencial teórico deste artigo.

Palavras-chave: Mia Couto. Feminismo. Representação. Vozes femininas.

1INTRODUÇÃO

Conforme as inúmeras discussões acerca do papel da mulher na literatura, tendo um perfil estereotipado pelo paradigma ocidental e patriarcal, percebemos o quanto ainda existe uma precária presença delas na produção literária, principalmente como personagem.

Perante a justificativa das atribuições dadas às mulheres como, por exemplo, cuidar dos filhos, do marido e do lar, discutiremos sob esse mau conceito produzido pela sociedade machista através da literatura africana. Tentaremos responder as indagações: Como

¹ Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
ahbnascimento19@hotmail.com

as mulheres costumam ser representadas na literatura? Como a figura feminina é representada nos contos “O Cesto” e “A Saia Almarrotada”, de Mia Couto?

O trabalho objetiva analisar os contos “O Cesto” e “A Saia Almarrotada” de Mia Couto, do livro *O Fio das Missangas* (2009), destacando personagens do sexo feminino encontradas em sua obra, bem como investigar o distanciamento da representação da mulher nas obras literárias, já que a forma estereotipada é ocasionada pela sociedade patriarcal dando a impressão do engrandecimento da figura masculina no campo literário. Diante dos pressupostos apresentados iremos estudar as questões da discriminação dos sexos (masculino x feminino) dentro da literatura promovida pela construção cultural da nossa sociedade.

Baseamos as nossas considerações nas ponderações de Beauvoir (1967), Machado (2011), Adiche (2012), Couto (2009) Kergoat (2009), Paulino (2011) e outros pesquisadores na área, que serão apresentados no decorrer do artigo, que foram fundamentais para a construção dos argumentos aos quais chegamos na edificação desse trabalho.

O presente artigo está segmentado em três partes, a primeira corresponde à apresentação do escritor moçambicano Mia Couto e as características de sua obra *O Fio das Missangas* (2009). A segunda parte está destinada a tratar os estudos feministas através da obra literária *O Segundo Sexo* (1969), da escritora francesa Simone de Beauvoir, e a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche com o livro *Sejamos Todos Feministas* (2012) já que apresentaremos a vida social e a situação da mulher na literatura. E na terceira parte, analisaremos os contos “O Cesto” e “A Saia Almarrotada”, que enfocaremos as personagens femininas na obra, levando em consideração o contexto e os acontecimentos recorrentes nas narrativas.

2 MIA COUTO: IDENTIDADE E SINGULARIDADE

Antônio Emílio Leite Couto, conhecido mais como Mia Couto é biólogo e escritor nascido na cidade da Beira em Moçambique, em 1955. Atualmente exerce a função na área de biologia numa empresa de projetos ambientais na cidade natal. Couto escreve contos, poemas, romances e crônicas, suas obras foram publicadas em mais de 20 países e traduzidas para o alemão, italiano, francês e inglês. O que diferencia suas obras de outros escritos é a originalidade de suas histórias, fazia que os personagens e leitores se confrontassem no universo ficcional nas obras, tornando-se uns dos maiores literatos africano.

Seus trabalhos literários demonstram aspectos sociais, cotidianos e conflitos moçambicanos. Conhecido em descrever as raízes de seu país, usando neologismos e uma

linguagem rica, Mia Couto é um admirável contador de história. Sua maior inspiração é o escritor brasileiro João Guimarães Rosa que compara suas obras quando defende a Língua Portuguesa e a inconformidade da situação política do país.

Em meio a sua obra literária, pode-se destacar: *Terra Sonâmbula* (2007), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), *O Fio das Missangas* (2009) e *E se Obama fosse africano* (2011), como algumas das mais relevantes, além dele também ter escrito poemas, como *Raiz Orvalho e outros poemas* (1999), *Tradutor de Chuvas* (2011) e *Vagos e Lumes* (2014)), buscando recompor a Língua Portuguesa com influências moçambicanas:

[...]a obra literária do escritor moçambicano Mia Couto e o seu enquadramento no contexto sóciopolítico e literário-cultural de Moçambique faz compreender a importância da sua obra como resultado e como fator de construção da identidade nacional moçambicana, veiculada pela língua portuguesa [...] (CAVACAS, 2006 p.57).

Mia Couto utiliza desse mecanismo para obter seu próprio estilo literário, ou seja, dar uma identidade a suas obras. Leva para o povo do seu país através de suas escritas os conflitos gerados pela guerra civil que assombrava Moçambique por muitos anos, aproximando a cultura europeia e moçambicana em suas obras, criando uma linguagem nova.

3 PERFIL DA OBRA: O FIO DAS MISSANGAS

O Fio das Missangas originalmente lançado em 2003, mas publicado para o público brasileiro em 2009 pela Companhia das Letras, trata de histórias de pessoas comuns mostrando seus conflitos cotidianos, no qual “[...]reencontramos o moçambicano dando a voz do texto aos mais simples personagens que, como corriqueiro em sua escrita [...]” (MELONI, 2010).

Composto por 29 contos, em que a maioria deles retrata personagens do sexo feminino, a obra representa como as mulheres são tratadas pelos homens, sejam pais, irmãos ou maridos, todas tem um ponto em comum, a subordinação. No livro o autor refere às mulheres como um colar: “Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas”. São sempre tantas, as missangas” (COUTO, 2009, p.66). Colocando-as em comparação a uma saia amarrotada, um cesto, dando a impressão de como as mulheres são desamparadas pelas figuras masculinas na obra.

Mia Couto dá a elas uma voz de liberdade, segundo Cristina Vasconcelos Machado, na obra *O Fio das Missangas*, “[...] proporcionando um canal para que essas vozes silenciadas,

esquecidas e condenadas à não-existência possam, de algum modo, manifestarem-se [...]”(2011, p.5). Sabemos da existência de uma sociedade patriarcal em relação à vida social da mulher, Mia Couto faz uso desse conceito pré-estabelecido e denuncia as opressões sofridas por elas por meio das vozes de suas personagens.

O autor faz com que as mulheres denunciem a virilidade existente em suas vidas medíocres perante o machismo existente ainda pela sociedade atual, pois cada conto que tem uma personagem mulher o papel dela é de cuidar dos filhos, do lar e de seu marido e mesmo fora de seu aposento à inferioridade continua, já que a masculinidade é aceita pelo corpo social.

A sociedade ocidental foi construída sob um regime patriarcal e falocêntrico. Herdeira de uma tradição judaico-cristã, a cultura sempre relegou a mulher uma posição marginal na sociedade; nesse sentido a mulher foi oprimida, subjugada, negada e silenciada. No caso da mulher negra, observa-se um duplo movimento de exclusão: uma marginalização por etnia e outra por gênero. (MACHADO, 2011, p.6)

O questionamento dos contos diz respeito ao tratamento que as mulheres recebem de seus maridos e da sociedade patriarcal, quando os mesmos gozam da liberdade de ir e vir, as mulheres tornam-se obedientes ao o que se diz sexo superior.

4 A MULHER NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA

Levando em consideração a situação política e econômica de Moçambique, podemos perceber a presença de mulheres na luta da independência do país e nos movimentos feministas dentro da guerra civil (1977-1992). Elas participaram na luta pela independência em defesa do próprio corpo e mente, queriam a igualdade de se envolver na política moçambicana como os homens tinham.

Moçambique foi uns dos poucos países a defender a igualdade de gênero, mas ainda existem hesitações infiltradas nas construções sociais de dominação masculina, deixando as mulheres num patamar inferior, principalmente quando se trata de poder.

As mulheres moçambicanas representam uma porcentagem baixa na ocupação de cargos públicos e mais absurdo é o analfabetismo que é maior entre elas do que do sexo masculino, que por sua vez exclui o envolvimento de mulheres no desenvolvimento do país. Deixando claro que a igualdade de gênero está longe de se concretizar, já que a autonomia e a liberdade das mulheres representam uma ameaça à “estrutura tradicional” moçambicana.

Já dizia Simone de Beauvoir: “Só um sujeito livre [...], pode vencer a ruína; [...] proibiram-no à mulher” (1949, pg. 368). Diante dessa citação, compreende-se que vivemos no mundo masculino que as mulheres confiam na “casta superior” representativa da condição do homem na sociedade, uma vez que elas deixam de pensar, criticar, julgar e vai mais além, submetem-se aos caprichos do sexo viril.

Vemos essa situação nos contos de Mia Couto, que representam a mulher como submissa aos homens:

O fruto se sabe maduro pela mão de quem o apanha. Pois, as irmãs nem deram conta do seu crescer: virgens, sem amores nem paixões. O destino que Rosalvo semeara nelas: serem filhas exclusivas e definitivas. Assim postas e não expostas, as meninas dele seriam sempre e para sempre.(COUTO, 2009, p.9).

Percebemos o quanto as mulheres continuam submissas à sociedade machista, perdendo seu direito e livre expressão, forçada a vontade do pai e do marido, caracterizado por um tradicional regime patriarcal. Temos a necessidade de incentivar as mulheres a alcançar sua autonomia sem depender dos homens, trabalhar pela sua liberdade independentemente de qualquer esfera, seja ela de gênero, política, econômica e social.

5 REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA

Por muito tempo a mulher não podia escrever obras literárias e, se escrevessem, usavam pseudônimos, mas eram bem vistas em personagens e até protagonistas, mesmo não tendo voz própria, pois as obras eram escritas pela figura masculina.

Percebemos na citação abaixo:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. (LOBO, 1998, p. 5)

Mesmo ganhando esse papel de personagem principal, a mulher sempre tinha um olhar masculino, apresentando o comprometimento de mostrar a “liberdade” das mulheres em suas obras, elas são vistas pelos autores como mulheres sedutoras, imorais, perigosas, incapazes e tantos outros adjetivos negativos, mostrando aos leitores a incapacidade delas tornarem-se “heroínas” em livros. Compreendemos, por meio desse aspecto de representação da mulher na

literatura, a patrilinearidade estabelecida pelos escritores. Já dizia Judith Butler (2011) que a mulher não é bem representada na literatura.

A partir do preconceito convencionado pelos autores masculinos, foram desenvolvidos movimentos feministas que caracterizam a importância de ter na literatura mulheres escrevendo sobre personagens mulheres. Como afirma a pesquisadora Gabriela Fonseca Tofanelo (2015):

Com o advento do movimento feminista, a partir da década de 60, e as diversas conquistas femininas empreendidas pelo mesmo, em muitos âmbitos como social, econômico, político, e literário, a mulher passa a ter chance de representar, ela mesma, seus próprios personagens. (p. 3)

Podemos dizer que a literatura contribui para que as mulheres tenham suas conquistas sociais, econômicas e políticas através de suas personagens que, diferente de autores masculinos, mostram a força, a ação e a determinação além do seu tempo na busca pela igualdade de gênero.

Como supracitado, os movimentos feministas encandearam uma visibilidade da literatura feminina, onde a mulher passou “[...] a ser vista não apenas como uma personagem que compunha a literatura masculina, mas também como participante na produção crítica e literária” (MOURA, 2010, p. 232).

A escrita feminina busca deixar suas marcas e características, diferenciando dos escritores masculinos, enfatizando suas lutas e conquistas através da posição social entre homens e mulheres que foi imposta pela sociedade patriarcal. Levando em consideração que as mulheres estão construindo sua própria personalidade nas obras:

A mulher, a partir da sua escrita, cria uma nova visão para a sociedade contemporânea, uma visão em que ela tem a liberdade de expressar os seus pensamentos, desconstruindo concepções patriarcalistas cristalizadas e construindo uma nova literatura, em que a própria mulher participa como um ser social e intelectual. (MOURA, p. 239).

Podemos citar o livro de Simone Beauvoir *O Segundo Sexo* (1967) que relata a mulher dentro da sociedade machista buscando sempre a liberdade de ir e vir, sexual, social, política e econômica.

A autora surpreende na sua obra o quanto à liberdade ser importante para a existência da mulher, e isso fez com que na época historiadores e estudiosos repudiassem sua obra, afirmando que Beauvoir estaria “ridicularizando os homens” dentro da literatura e da sociedade.

Temos a necessidade de expor obras literárias escritas por mulheres, valorizar mais seu papel na literatura, mostrando seus atributos e particularidades que difere dos escritores masculinos, mas “sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. “Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHE, 2012, p. 67).

6 ESTUDOS MOVIMENTOS FEMINISTAS

Antes de dialogar sobre os movimentos feministas, devemos conceituar o que seria feminismo que nada mais é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

O feminismo acontece em três ondas. A primeira nos Estados Unidos e Reino Unido no final do século XIX e começo do século XX, que reivindicava o direito do voto e a entrada das mulheres na política. A principal escritora foi a francesa e feminista Simone de Beauvoir com o lançamento do livro *O Segundo Sexo* em 1967. A segunda onda realizada nos meados das décadas de 50 a 80, que tinha como objetivo a política de direito ao corpo como também o atendimento médico adequado às mulheres.

Posteriormente, a terceira onda que programou nos anos 90 até os dias atuais tinha o propósito de “aprimorar” os paradigmas da segunda onda e enfatizava não só a questão de gênero, mas a racial, pois procurava um espaço dentro da esfera feminista para a atenção de subjetividades relacionada à raça.

O movimento feminista propõe o fim dos privilégios e as distinções entre homens e mulheres, procurando apoio de toda uma sociedade para igualar os dois sexos e trazer políticas públicas para as mulheres para condições mais justas e humanitárias. Para Andrade e Santos (2016, p. 21):

Coeso ou não, o feminismo representa luta e conquista de novos territórios para as mulheres, pois tanto a exigência de condições de trabalho justas, igualitárias para homens e mulheres, quanto a conquista da participação política por meio do voto e da elegibilidade, traziam/trazem em seu esteio outras questões que diziam/dizem respeito à necessidade de reinventar nossa arte de existir humanamente e de sermos mulheres [...]

Desse modo, a necessidade de um “mundo” mais justo para mulheres, falecendo o tradicional valor da sociedade patriarcal.

Dentro desse conceito formalizado sobre feminismo, cabe dizer que o movimento estuda a interseccionalidade, que é a relação entre classe-raça-gênero. Isto é, reformar as instituições democráticas, incluso na sociedade, como delegacias especializadas em mulheres, grupo de apoio; reforma no governo, mais mulheres no poder público; movimentos de diversas mulheres com a participação de lésbicas, negras, indígenas, rurais e outras. Um grande exemplo é trazer para o feminismo o movimento de mulheres livres² mesmo sabendo que o movimento é a igualdade de sexos, as mulheres militantes queriam uma organização específica para suas lutas políticas.

A divisão de trabalho entre os sexos é o modelo mais promíscuo que vemos na sociedade, quando se trata de desigualdade de sexos, conhecemos que na realidade o homem tem mais privilégios e méritos na divisão de trabalho e social. De acordo com Daniele Kergoat:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e as mulheres às esferas reprodutivas (2009, p. 68).

Podemos ressaltar o questionamento do salário dos homens serem maiores que os das mulheres, uma vez que a sociedade patriarcal valoriza o trabalho do sexo masculino como mais vantajoso e lucrativo, pois eles não engravidam, não cuidam de seus filhos como as mulheres, não menstruam, tornando-se uma indagação para as mulheres. Mais uma vez a autora reforça: “[...] as diferenças constatadas entre as atividades dos homens e das mulheres são construções sociais, e não provenientes de uma causalidade biológica”(KERGOAT, 2009, p. 72).

Desse modo, podemos observar que o feminismo quis mudar a visão machista de todo campo social mostrando que as mulheres são determinadas, fortes e inteligentes o suficiente para se igualar perante os homens no mercado de trabalho, e posicionando-as em cargos satisfatórios de chefia ou públicos. Ainda temos preconceito de situar o sexo feminino mediante as profissões oferecidas pelo mercado capitalista, mas através dos movimentos feministas serão oferecidas oportunidades para as mulheres desenvolverem seu papel “produtor” na sociedade.

²Movimento de mulheres livres é uma organização anarquista e feminista espanhola criada oficialmente em 1936. Junto à Confederação Nacional do Trabalho, à Federação Ibérica da Juventude Libertária e à Federação Anarquista Ibérica constituiu uma das organizações clássicas do movimento libertário espanhol.

A vida social da mulher está ligada a cultura machista, pois desde quando foi escrita a bíblia o sexo feminino é inferiorizado, como podemos perceber em algumas passagens da escritura: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará” (Gênesis, 3:16). “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.” “E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja”. (1º Coríntios 14:34,35). De acordo com a citação vemos o quanto à mulher está abaixo do sexo masculino.

No decorrer de sua obra *O Segundo Sexo* (1967), a autora afirma que os maridos saem para trabalhar enquanto as esposas cumprem seus deveres mundanos, esses que mesmo fora de seus aposentos ainda encontram-se domesticadas, uma vez que atribui a enfeitar-se e arruma-se para seu marido, tudo gira ao redor do homem. Na verdade quem veste as mulheres são homens, ouvimos sempre frases negativas que relaciona a conduta feminina: “essa roupa está curta ou longa”, ou “esse cabelo parece de macho”, “você quer aparecer demais com esse vestido”. Beauvoir (1967) aponta:

A mulher que acentua seu encanto sexual conduz-se mal aos olhos do marido; êle censura ousadias que o seduziram numa estranha e essa censura mata nele todo desejo; se a mulher se veste com decência, êle a aprova, mas com frieza: não a acha bastante atraente e como que lho censura de modo vago. Por causa disso, olha-a raramente por sua própria conta, é através de olhos alheios que a inspeciona. (p. 304).

Na citação, a francesa exclama a superioridade do homem quando se trata da situação da mulher, essa por sua vez é vista como propriedade, primeiro de seu pai e depois do seu marido. De acordo com uma visão baseado no patriarcado, foi imposta as mulheres um papel: casar-se, gerar filhos, realizar a necessidade sexual dos homens, tornando-as donas de lares e dependentes do sexo viril.

É através desse princípio machista que o feminismo batalha em defesa da autonomia das mulheres em todos os fatores da sociedade, sejam elas negras, lésbicas, indígenas e afins, é lutando que conquista sua liberdade.

7 A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NA ÁFRICA

Abordar o feminismo na esfera ocidental já é incompreensível, pois vivemos numa sociedade patriarcal onde os costumes são os homens privilegiados por serem “homens”. Discutir sobre a mulher na África é estritamente estranho, uma vez que o feminismo não faz parte da cultura desse continente, é um ato antiafricano.

Mesmo com poucos estudos e teóricos na área relacionando as mulheres nas lutas por liberdade, podemos encontrá-las em diversos setores, como no campo, na política, nas universidades, nas ruas, sabendo-se que no passado sua história era apagada da sociedade. Elas tinham o direito limitado à educação, saúde e vida pública, pois as mulheres tinha o dever de obedecer ao sexo viril, e ainda assegurado por lei.

As conquistas das mulheres africanas ainda são poucas, podemos problematizar o motivo devido à violência, doenças (60% das pessoas infectadas com HIV são mulheres) e a sociedade que não desliga do patriarcado, é claro, é mais conveniente a eles impor a patrilinearidade. O progresso alcançado pelas mulheres na África veio do movimento feminista que além da luta pela sua liberdade, construía uma nova visão para a sociedade que era discutir sobre as mulheres e seus direitos.

Nos dias atuais, o feminismo na África é visto ainda como um tema marginal, desnecessário, muitas vezes as mulheres são a parte invisível da sociedade e quando elas manifestavam feministas é porque trouxe costumes ocidentais, ADICHE (2012) relata em seu livro *Sejamos todas feministas*, o preconceito que sofreu por ser feminista:

[...] escrevi um romance chamado Hibisco roxo, sobre um homem que, entre outras coisas, batia na mulher, e sua história não acaba lá muito bem. Enquanto eu divulgava o livro na Nigéria, um jornalista, um homem bem intencionado, veio me dar um conselho (talvez vocês saibam que nigerianos estão sempre prontos a dar conselhos que ninguém pediu). Ele comentou que as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista. Seu conselho — disse, balançando a cabeça com um ar consternado — era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes [...] (p. 13).

E sobressai afirmando que é uma feminista feliz e africana, que nada iria mudar seu jeito de escrever e o que escrever.

Na África, o feminismo tem quatro pontos: movimento endógeno de mulheres, a resistência anticolonial, destacar sua importância na sociedade, deixando de lado os costumes que eram empregados a elas (mãe, esposa e dona de casa) e mulheres independentes do ponto de vista econômico. O movimento feminista africano representa uma mistura de correntes, sendo elas, endógenas, liberal, radical, socialistas, todos com mesmo objetivo, de lutar pela

emancipação das mulheres dentro da sua sociedade, uma vez que, na África tem várias etnias, raças, religiões e classes.

Onde ocorreram mais movimentos de mulheres foi em Moçambique a favor da retirada do poder europeu no país, as mulheres entraram em ação. Os principais foram: LIFEMO - Liga Feminina de Moçambique em 1962, DF- Destacamento Feminino no ano de 1965 e OMM - Organização da Mulher Moçambicana em 1973. As atividades envolvidas pelo sexo feminino tiveram grande importância na libertação de Moçambique, como aponta Samora Moisés Machel³: “A emancipação da mulher é uma necessidade da revolução, da garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo”.

Mesmo no século XXI as africanas ainda sofrem com a intolerância de seus povos, mas mesmo com todo o sacrifício, o movimento feminista garante a divisão sexual de trabalho, sua liberdade de estudar e escolher seu destino, independente da sociedade patriarcal.

8 ANÁLISE DOS CONTOS – “O CESTO” E “A SAIA ALMARROTADA”

Nas obras de Mia Couto é retratado o orgulho que sente pela terra que nasceu, apresentando a mistificação da cultura de Moçambique, os dialetos linguísticos e o uso de neologismos, deixando sua escrita mais rica, como mencionado abaixo:

Mia Couto escreve com sensibilidade e amor por sua terra, seu povo, as minorias, seus falares. É através de seus escritos, ricos em invenções, palavras ressignificadas e o uso de dialetos linguístico próprio do povo moçambicano, que nos transportamos para o universo africano. Há, inicialmente, um estranhamento ao nos depararmos com o mosaico de culturas que existe em Moçambique, mas é exatamente esse estranhamento e, ao mesmo tempo, uma identificação, o que nos aproxima ainda mais da cultura daquele país, ao lermos os textos de Mia. (PAULINO, 2011, p. 31)

A moçambicanidade de Mia Couto refere-se à construção nacional pós-guerra, que a partir da independência de Moçambique, em 1975, resulta em escrever histórias do seu povo criando personagens populares, narrando a rotina de cada um, enfatizando a cultura e a identidade nacional do país.

Iremos destacar o livro *O Fio das Missangas* (2009) composto por 29 contos que relata histórias do cotidiano de pessoas moçambicanas. Sua linguagem estritamente simples e

³Um militar moçambicano, líder revolucionário de inspiração socialista, que liderou a Guerra da Independência de Moçambique e se tornou o seu primeiro presidente após a sua independência, de 1975 a 1986.

concreta faz da obra, singelas narrativas expondo a rotina do povo do seu país. A obra proporciona aos leitores uma visão crítica, mesmo com personagens fictícios, produz a realidade de temáticas cotidianas existentes no cenário moçambicano.

A maioria dos contos na obra Mia Couto destaca personagens femininas, geralmente submissas ao sexo masculino (pai, marido, tio e irmão). A figura da mulher nos contos proporciona uma voz de desabafo para aqueles que leem, dando a impressão que elas queiram confessar sua vida medíocre e súdita para a sociedade.

Em *O Fio das Missangas* (2009), Couto dá a voz àquelas mulheres cujas vidas e as sociedades sempre lhes negaram o direito da expressão, de serem ouvidas e respeitadas. Escreve de maneira sensível sobre a dura realidade da mulher africana [...], marcadas por uma herança colonial que as desqualificam. Através da sua literatura, a mulher ressignifica sua importância na literatura e reconstrói sua identidade. (PAULINO, 2011, p. 32).

Couto representa para as mulheres moçambicanas com sensibilidade dando a elas um momento de aproximação com a sociedade (leitores) para um desabafo, contando suas histórias de lutas, fraquezas e submissão dentro do sistema patriarcal.

Iremos analisar dois contos da obra *O Fio das Missangas* – “O cesto” e “A Saia Almarrotada”, levando em consideração do que já foi abordado até o momento no artigo: Mia Couto, a mulher na literatura e os estudos feministas. As narrativas destacam personagens do sexo feminino dependentes da sociedade machista que submete as mulheres ao desconforto do patriarcado.

No primeiro momento conceituaremos o gênero literário, conto, que cria histórias fictícias, de fantasias e imaginação, sua estrutura identifica-se pelo conjunto de um narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Na citação de Alfredo Bosi (1975):

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ou a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa votada às festas de linguagem. (p.7).

Percebemos a mistura da ficção dos contos com a rotina na narração de Mia Couto que a partir das histórias de seus personagens facilita aos leitores a compreensão dos contos.

Adiante mostraremos os pontos semelhantes e diferentes entre os contos, pois as duas vozes femininas estão enquadradas ao parâmetro machista das figuras masculinas encontradas nas narrativas.

No conto “O Cesto” Mia Couto escreve a história de uma mulher sujeita a marginalização do machismo na figura do marido, que na trama encontra-se internado há muito tempo no hospital. Todos os dias como de costume ela visita-o levando consigo uma cesta de mantimentos.

No decorrer da narrativa, a personagem relata o desprezo e a ausência de autoestima que tinha por ela mesma, pois em todo o casamento tinha uma vida de obrigação em função do seu marido:

Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham. Tanta vez já fui em visita hospitalar, que eu mesma adoeci. Não foi doença cardíaca, que coração, esse já não o tenho. Nem mal de cabeça porque há muito que embaciei o juízo. Vivo num rio sem fundo, meus pés de noite se levantam da cama e vagueiam para fora do meu corpo. (COUTO, 2009, p. 21).

O que tornava mais reprimida e diminuída diante da figura do marido era a falta de diálogo, ele já não a procurava mais para nada, nem para atividade sexual e como também companheirismo, era como se ela só estivesse ali para cuidar dos deveres do lar. Sabemos que a mulher é vista pela sociedade como uma mera pessoa destinada a exercer o papel de cuidadora do lar e dos filhos.

A personagem percorre em um caminho “por detrás do sol”, lugar que não tinha vida, não tinha luz, deve-se ao fato de não possuir liberdade, de manifestar suas próprias vontades, uma vez que tinha medo de enfrentar seu esposo, diante disso escrevia cartas escondidas e anotava o que um dia teria coragem de fazer: “-Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida”. Mas continuava sua rotina desprovida de qualquer autonomia de ir e vir.

Quando se preparava para mais uma visita diária ela se depara com sua imagem no espelho que por anos era coberto para que não visse sua própria figura acabada pelo tempo, mas sua reação foi outra, de surpresa:

Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado vida. (COUTO, 2009, p. 23).

Nota-se a vibração da personagem ao perceber que ainda existia beleza na sua estrutura física. Foi ao armário e colocou um vestido preto que há vinte e cinco anos seu marido tinha dado de presente, com ele em certo momento despreendeu-se da tristeza e desejou

a morte do companheiro “-Só peço um oxalá⁴: que eu fique viúva o quanto antes!”. A expressão soou uma estranheza para ela, mas a vontade que tinha de recomeçar a viver era maior e sabia que poderia só depois do falecimento do marido.

Com ainda o sorriso no rosto guardou o vestido que seria usado no enterro e seguiu a caminho do hospital agora diferente, prestando atenção em tudo que passava na rua:

[...] Ainda hesito perante o cesto. Nunca antes eu o vira assim, desvalido.
 [...] Pela primeira vez, há céu sobre minha casa. Na berma do passeio, sinto o aroma dos franjipanís. Só agora reparo que nunca cheirei meu homem. Nem sequer meu nariz não amou nunca. Hoje descubro a rua, feminina. A rua, pela primeira vez, minha irmã. (COUTO, 2009, p. 24).

Ao chegar ao destino de sempre, o enfermeiro que aguardava deu a notícia que esperava: “- Seu marido morreu. Foi esta noite” (COUTO, 2009, p.24). O leitor aguardava a nova mulher, aquela que um dia seguiria sua vida livre e feliz depois da sua descoberta, mas a grande surpresa, ela expressava uma face de tristeza, em pranto cobriu o espelho e rasgou o vestido preto em tiras.

Percebe-se que a personagem teve naquele momento uma sensação de arrependimento, uma consciência pesada de desejar a morte do seu marido, sustentando sua fraqueza e medo de seguir uma vida de liberdade.

Na narração da história “A Saia Almarrotada” é contada por uma voz feminina que contará sobre a realidade cruel que vivia, reprimida e casta pelos homens de sua casa, aprendeu a sentir vergonha, pois a ensinaram que as mulheres não podiam sonhar com amores e vestidos: “Ensinaram-me tanta vergonha em sentir prazer, que acabei sentindo prazer em ter vergonha”(COUTO, 2009, p. 29).

Diante dessa citação percebemos a exploração, sofrimento e os maus tratos sofridos pela personagem pelo fato dela ser a única mulher da casa, pois sendo do sexo feminino tinha o dever de cuidar dos afazeres domésticos, sobrevivendo nessa vida como uma escrava.

Enquanto outras mulheres tinham um pouco de liberdade de ir e vir, conhecer pessoas novas, participar de bailes, ela só possuía o direito de estar na janela vendo sua vida passar, estava tão acostumada que não via motivação para mudar seu hábito que forçadamente foi submetida.

⁴Oxalá é uma palavra da língua portuguesa utilizada como interjeição para expressar o desejo que algo aconteça. É sinônimo de "tomara" ou "queira Deus". A palavra tem origem na expressão árabe in shaaAllaah, cujo **significado** é “se Deus quiser”. Disponível em <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=oxal%C3%A1%20significado>>. Acesso em 23/09/2016.

O cuidado para que ela não conhecesse “certos” vocabulários que pudessem fazê-la modificar seu mundo primitivo e pequeno era grande: “- Filha, venha sentar”(Ibid., p. 30), eles não diziam a palavra comer, pois tinha um sentido vulgar. Ao mesmo tempo a pobre personagem era a última a “sentar” para alimenta-se: “- Deixem um pouco para a miúda”, “Os braços se atropelavam, disputando as magras migalhas”(Ibid., p. 30-31). Vemos o quanto à personagem era menosprezada pelos próprios parentes, vivendo numa escravidão psíquica e física.

Ela continua narrando sua historia de sofrimento: “Na minha vila, as mulheres cantavam. Eu pranteava”. (Ibid., p. 31), e falava da extrema carência de encontrar um homem, esse que mesmo “em plena tristeza” (Ibid., p. 31) iria amá-la e dá um nome. Sonhava uma vida com esperança e autonomia, mas cegava de obediência pelo pai e pelo tio que obrigava a ficar feia e mal apresentada para quem a via.

Certa vez o pai enquanto vivo ordenou que tocasse fogo no vestido, ela fez uma cova, enterrou o vestido e colocou fogo em si, desprezando a determinação imposta, nesse momento a personagem encontra um ponto de independência:“Guiaram-me os mandos do diabo e, numa cova, ocultei esse enfeitado enfeite. Lancei, sim, fogo sobre mim mesma. Meus irmãos acorreram, já eu dançava entre labaredas, acarinhada pelas quenturas do enfim.”(COUTO, 2009, p. 32)

Mas pede para seu pai a permissão de colocar o belo vestido e sair desfilando com ele demonstrando ao espelho, sem sair de casa. A personagem obteve um limitado momento de alegria que valeu pelos anos de humilhação e repressão.

Afinal, a personagem em todo o relato foi menosprezada e feita de escrava pelas figuras masculinas que acorrentaram a felicidade e a liberdade da mesma. Sendo excluída da sociedade e da própria casa, viveu como um mero sujeito sem nome e sem trajetória que ao menos participou.

Percebemos que nos contos de Mia Couto faz referência a vida histórica, social e familiar das personagens femininas e mostrando para os leitores o desrespeito dos homens encima das mulheres sejam filha, esposa e irmã, sempre vítimas de abusos patriarcais.

Discutindo os títulos dos contos, vemos o quanto eles estão ligados à situação das figuras femininas na obra, a primeira mulher era uma simples coitada que só servia para levar mantimentos para o marido doente, ou seja, era uma caixa transportadora de comida, por isso chamava “O Cesto”. A segunda mulher era menosprezada pelos homens da própria casa que morava por ser a única que vestia “saia”, vivia “almarrotada”, presa, submissa às vontades do

pai. Diante das condições apresentadas nos contos, o autor oferece vozes às mulheres para manifestar suas lutas diárias e promover a quebra de estereótipos decorrentes da sociedade patriarcal.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos apresentados no artigo, percebemos o quanto a mulher está inferiorizada na literatura pelos escritores, já que as personagens criadas são estritamente ligadas a uma figura masculina por meio de submissão, isso se dá pela cultura pressuposta da sociedade patriarcal construída a cada década.

Por meio de pesquisas e leituras no decorrer do trabalho, os escritores masculinos dão as suas personagens femininas a função de mãe-mulher-criada, uma vez que a sociedade foi/é construída encima de uma cultura machista, desde cedo as mulheres são ensinadas a cuidar dos filhos, da casa e do marido. Diferente de personagens homens, eles são vistos na literatura como heróis, únicos com competência de trazer o sustento para casa.

Através da análise dos contos “O Cesto” e “A Saia Almarrotada” do autor africano Mia Couto, deu-se a noção como as mulheres são representadas na literatura, enfatizando a desvantagem delas sob os personagens masculinos, mas em sua obra Couto dá a elas uma voz, esta, por sua vez, mostra aos leitores um pedido de apoio/amparo, por meio dos singelos diálogos existentes nas narrativas.

Afinal, o artigo sugere-se mais escritoras e/ou personagens femininas que realça a vida e situação das mulheres dentro da sociedade, mostrando-as suas competências e habilidades fora do padrão estabelecidas pelo patriarcado, já que os estudos das mulheres dentro da literatura são poucos oferecidos no âmbito acadêmico.

ABSTRACT

This article aims to study the representation of women in the literature through the stories "O Cesto" and "A Saia Almarrotada" which are present in the work of the Mozambican author Mia Couto, *O Fio das Miçangas* (2009). Intended to investigate the situation of inferiority of women characters face to men, given the patriarchal society that even with the help of feminist movements are still found female figures who are submissive to male sex. Observed from the references of Beauvoir (1967), Kergoat (2009), Couto (2009), Chimamanda (2012), the voices of these women through narratives written by men seeking socioeconomic

liberation. This work will be developed through literature review and documentary research so that we can achieve the objectives proposed here by the considerations of the authors that comprise the theoretical framework of this article.

Keywords: Mia Couto. Feminism. Representation. Female voices.

REFERENCIAS

ADICHE, C. N. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, A. O. et al. *Feminismo, gênero e sexualidade: diálogos contemporâneos*. Mossoró/RN: Edições UFRN, 2016.

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. 2ª ed. França: Difusão Europeia do Livro, 1969.

BOSI, A. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAVACAS, F. *Mia Couto: palavra oral de sabor cotidiano/ palavra escrita de saber literário*. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

COUTO, M. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PAULINO, S. S. *Do fio faz as missangas: a representação da voz feminina em Mia Couto*. 2011. 45 f. Monografia (Especialização em Literatura e Cultura Afrobrasileira e Africana), Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira – PB.

RUIZ, J. Á. *Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.